

O MÉDICO LOPO SERRÃO E A VELHICE: SUBSÍDIOS PARA UMA HISTÓRIA DA VELHICE NA CULTURA PORTUGUESA

MANUEL CURADO*

Resumo: *O artigo aborda o monumental poema latino Da Velhice e das Outras Idades de Ambos os Sexos, e dos seus Costumes, do doutor Lopo Serrão (n. 1510-1514, m. 1579-1581), médico de D. Sebastião e primeiro vulto da história da medicina portuguesa a refletir sistematicamente sobre as questões da velhice. Publicado em 1579, trata-se de poema de matriz lucreciana que toma em consideração o conhecimento científico mais avançado da época, mas que não descarta a experiência clínica do autor e o seu gosto manifesto pela literatura clássica. Lopo Serrão toma a velhice como idade privilegiada para se compreender a totalidade da vida humana: segundo ele, não se trata de uma idade que se segue às outras idades, mas antes a idade que tem a chave para compreender a totalidade da vida.*

Palavras-chave: *Velhice; Lopo Serrão; Da Velhice e das Outras Idades de Ambos os Sexos, e dos seus Costumes.*

Abstract: *The article discusses the monumental Latin poem Da Velhice e das Outras Idades de Ambos os Sexos, e dos seus Costumes, by doctor Lopo Serrão (born 1510-1514, died 1579-1581): he was physician to D. Sebastião and the first figure in the history of Portuguese medicine to systematically reflect on the issues of old age. Published in 1579, the poem follows a Lucretian model and takes into account the most advanced scientific knowledge of the time, but also reflects on the author's clinical experience and his clear taste for classical literature. Lopo Serrão views old age as a time of privilege which allows man to be able to understand the totality of human life: according to him, it is not an age that follows on from other ages, but rather the age that holds the key to understanding the totality of life.*

Keywords: *Old age; Lopo Serrão; Da Velhice e das Outras Idades de Ambos os Sexos, e dos seus Costumes.*

1. VER A OBRA DO TEMPO

Numa estátua famosa de Antonio Corradini, *Busto de uma Mulher Velada*, de cerca de 1717-1725, o escultor veneziano mostra que o mármore, sendo um material opaco, pode representar substâncias diáfanas. Esta e muitas outras das suas esculturas parecem violações das leis da natureza. Os véus de mármore que deixam ver o que supostamente deveriam tapar são um símbolo perfeito do modo como outros modestos recursos conseguem a proeza de transfigurar a realidade de modo a fazer ver o que parecia não poder ser visto. Mais surpreendente ainda, o mármore que tapa

* Universidade do Minho. Email: curado.manuel@gmail.com.

não apenas deixa ver o que cobre, mas — pasme-se! — auxilia a vê-lo com nitidez. Assim é a grande arte, já que todas as suas formas têm o objetivo de educar o olhar, qualquer que seja o mármore que se trabalhe. Ora, se a figura feminina de Corradini fosse a obra do tempo sobre os seres humanos, que mármore se poderia procurar para auxiliar a ver o que está em causa no envelhecimento? As palavras de todos os dias são material rude à espera da arte que as transfigure. A cultura portuguesa, nos seus vários capítulos, da literatura à medicina e desta ao pensamento, tem tentado fazer ver com clareza o objeto difícil da ação do tempo sobre as pessoas. Infelizmente, ainda não existe uma história geral das representações do envelhecimento em Portugal, e urge, por conseguinte, carrear materiais para essa obra futura.

Parece coisa simples: autores a refletir sobre um tema. O olhar não educado tenderá a presumir que uma parte da vida humana poderá ser categorizada como velhice. Contudo, nada neste assunto é evidente. Repare-se numa página esquecida das letras portuguesas. Marcelino Mesquita, um velho escritor que se deixou de ler, dedicou uma das suas peças de teatro ao envelhecer, palavra que lhe dá título. Este drama em quatro atos, de 1909, coloca em cena um diplomata de carreira que, a certa altura, descobre duas coisas acerca da sua vida. Eduardo, esse diplomata, toma consciência de que ama Luísa, uma mulher com metade da sua idade, e toma também consciência de que fez cinquenta anos. No seu espírito, estas duas verdades não podem ser conciliadas. Abre o coração a um amigo íntimo e confessa-lhe a causa do seu sofrimento: «Amar como um rapaz e ser um velho!»¹ Esta frase parece inteligível a pessoas do século XXI. É um exercício quase impossível imaginar como é que alguém se poderá sentir velho com *apenas* cinquenta anos. Mais ainda, não se compreende como é que esse detalhe poderia impossibilitar que esse homem ame uma mulher que ele sabe que o ama profundamente; sabe disso, porque é ela, Luísa, que lho diz com todas as letras. Os dois amam-se, mas Eduardo, o diplomata, não se consegue relacionar com a sua própria idade. Tudo acaba numa tragédia, porque a idade é sentida como privação de uma felicidade.

A relação das pessoas com os anos que se vão acumulando tem uma chave cultural. Eduardo entendia a idade que sentia já a pesar sobre os seus ombros do ponto de vista do sentido da sua vida. Invocava palavras estranhas, como «honra», uma palavra tão desprovida de significado para o século XXI quanto cinquenta anos serem sinónimos de velhice. Apesar de ser difícil compreender a conexão entre velhice e honra, há um resultado positivo nessa incompreensão. É este: o que impede de compreender o que em 1909 era evidente e não precisava de explicações é o facto de o envelhecimento ser fortemente influenciado por representações culturais. O demónio que impede a compreensão é também o anjo que pode salvar. Só se

¹ MESQUITA, 1912: 22.

chega ao envelhecimento através de um túnel de imagens. É aqui que tudo se joga. Não há um império da biologia. Alegrias e dores, possibilidades ou limitações, tudo isto tem uma construção intelectual prévia. O embaixador Eduardo, de Marcelino Mesquita, sente os seus cinquenta anos como insuportáveis, mas os livros mais velhos da Europa valorizavam surpreendentemente a idade avançada. A *Iliada* e a *Odisseia* mostram os mais velhos a desempenhar o papel de juizes e de conselheiros. Entre a Europa da Idade do Bronze e a Europa do início do século XX, entre o velho Nestor dos Aqueus, em guerra contra Troia, e Eduardo, há dois limites do que se consegue pensar a respeito do envelhecimento. Louvável ou insuportável, sinal de sabedoria ou garantia de absurdo e de tragédia, o que se encontra a respeito da idade parece orbitar em torno de um destes símbolos.

Não há forma de fugir da esfera de atração de ambos. Nestor é a sabedoria da idade que os antigos europeus sempre respeitaram; diferentemente, o peso insuportável da idade, que Eduardo representa, revela a falta de sabedoria com que se olha para a idade e para as pessoas idosas. Os anos a mais que se vivem são pagos ao preço elevado de se sentir que falta algo na vida das pessoas. É possível que ninguém sinta falta da sabedoria de Nestor, mas sente-se falta de saúde, de juventude, de beleza, de companhia dos outros, de ocupação, de sentido de vida. Por muito sofisticado que seja o entendimento que o século XXI tem do envelhecimento, não se esconde que continua a crescer o lado do diplomata que sente que ter cinquenta anos é uma condenação. A conceção científica do ser humano vê nele uma versão sofisticada de um autómato, ampliação das conceções iatromecânicas setecentistas que um Verney defendeu na sua carta duodécima sobre assuntos médicos do *Verdadeiro Método de Estudar*². Três séculos depois, existem indústrias pujantes que se dedicam a atenuar os efeitos do tempo sobre a máquina humana. Mais ainda, especialistas no envelhecimento, como o gerontologista inglês Aubrey de Grey, enriqueceram o significado do verbo «envelhecer» e aditaram-no com a noção de que não é assunto da Medicina, mas da Engenharia, acreditando-se que terá solução técnica³. Independentemente da concretização efetiva da visão deste gerontologista, o mero facto de ter sido proposta revela o quanto se deseja alterar uma parte da vida humana. Nenhuma criança diz que, quando for grande, quer ser velha, mas ouve-se muitas vezes suspirar por uma juventude que se perdeu. O diplomata Eduardo, da peça de teatro de Marcelino Mesquita, é um símbolo português deste mal-estar com a idade que se tem. Este entendimento não é natural nem necessário; é, apenas, o que organiza uma forma de ver. Fica afastada a possibilidade de haver de facto uma bondade na velhice.

² VERNEY, 1952: 12-13.

³ NULAND, 2005.

Tudo isto é muito antigo e é pouco provável que se altere. Não se é capaz de olhar para a fase avançada da vida sem a sentir dilacerada entre um ideal de sabedoria, cada vez mais distante, e um combate contra aquilo que se é. Por um lado, a velhice encarna uma sabedoria; por outro, a velhice revela uma natureza imperfeita que, precisamente porque é imperfeita, tem de ser combatida ou melhorada. Ou se aceita, ou se combate. Parece não haver um caminho do meio, ou, pelo menos, é difícil encontrá-lo. Ora, é aqui precisamente que tudo se joga. A proposta de uma terceira via, de um caminho do meio, poderá ser encontrada no pensamento médico português, especialmente rico a este respeito.

O escritor da peça de teatro, Marcelino Mesquita, tinha formação médica, mas foi um outro médico português, o doutor Lopo Serrão (n. 1510-1514, m. 1579-1581), médico de Dom Sebastião, o primeiro vulto da história da medicina portuguesa a refletir sistematicamente sobre as questões da velhice. Este autor improvável publica em 1579 o monumental poema latino *Da Velhice e das Outras Idades de Ambos os Sexos, e dos seus Costumes*. A obra só voltaria a ser publicada em 1748 numa grande recolha de poesia portuguesa de expressão latina, até que Sebastião Tavares de Pinho lhe dedicou uma tese doutoramento e a posterior edição em livro, acompanhada de um valioso estudo introdutório e de uma tradução para português⁴. Está disponível, pois, a ferramenta de trabalho para auxiliar a compreender um capítulo especialmente original do pensamento, da ciência médica e das belas-letas portuguesas. Tratando-se de um poema de matriz lucreciana, é uma obra literária que toma em consideração o conhecimento científico mais avançado da época, mas que não descarta a experiência clínica do autor e o seu gosto manifesto pela literatura clássica. Portugal não tem muitos outros poemas inspirados pelo *De rerum natura*, de Lucrecio, o que, só por si, constitui motivo de interesse. Lucrecio está em espírito neste poema em muitos dos seus aspetos, do pessimismo antropológico até à diatribe contra o sexo feminino. Não é, contudo, a raridade da forma literária lucreciana o que verdadeiramente atrai neste conjunto de catorze livros. Há ciência médica unida ao antiquíssimo género dos livros de consolação. Há recolha erudita dos pensamentos dos clássicos latinos unida a observações acerca do povo português. Muitos outros traços dessa forma poderiam ser inventariados. O que fascina nesta biblioteca de referências e nesta recolha de ditos sapienciais é, contudo, a ambição de compreensão *total* do que se passa durante a velhice. O título de inspiração clássica tem a generosidade de alargar o tema do vasto poema às «Outras Idades» e até aos costumes dos dois sexos ao longo dessas idades. Se, para além da idade da velhice, estão em causa *todas* as outras idades dos dois sexos, segue-se que é uma obra total sobre a condição humana. É certo que tudo isso se encontra no poema, mas também é certo que Lopo Serrão toma a velhice

⁴ PINHO, 1983, 1987.

como idade privilegiada para se compreender o conjunto das fases da vida humana. Não se trata de uma idade que se segue às outras idades, mas, precisamente, a idade que tem a chave para compreender a totalidade da vida, a idade em que tem sentido a tarefa de pensar a vida que se teve e o sentido último da mesma⁵.

Lopo Serrão poderia estar lembrado do início de *A República*⁶, de Platão, obra filosófica em que o dono da casa onde acontece o diálogo, de nome Céfalo, confessa a Sócrates a estranha atividade a que se dedica nessa altura: pensar a vida que tinha levado até ao momento em que passou a sentir que já não tinha muitos anos para viver. É precisamente esta estranha contabilidade pessoal, que só poderá acontecer pela ação da idade, que o velho de Lopo Serrão expressa com angústia: «Por um lado, o pavor tortura a sua fraqueza e abala a sua velhice; por outro, ele repete na memória os crimes cometidos outrora»⁷. São muitas as passagens em que se apanha o velho a exercitar a prática solitária de avaliação angustiada do que fez e deixou de fazer. Ele «examina que crimes dignos/de suplício ou de vergonhosa impiedade cometeu», e «julga-se digno de pesados castigos/e pensa que mereceu o peso do seu suplício»⁸. Este velho é um avatar do Céfalo platónico, a sua enésima encarnação.

É verdade que, logo a abrir o primeiro dos catorze livros, o bardo clínico propõe aos seus leitores e ouvintes o tema do seu canto. Diz ele que canta «as ingratas doenças e os variados sofrimentos/que te afligem, ó ancião que em breve hás de morrer»⁹. A vida que tem como horizonte próximo a morte e as maleitas que apressam a chegada a esse destino são aspetos parciais de uma idade cuja caracterização atravessa todo o poema. Há doenças, certamente, e há o ponto final de tudo, como é óbvio. Todavia, importa ver que Lopo Serrão enriquece a sua análise das doenças associadas à idade madura com teses surpreendentes que defendem que essas doenças *não* são inevitáveis, e, a respeito da aparente certeza absoluta da morte, avança com apontamentos eruditos que recuperam as suspeitas que alguns autores greco-latinos lançaram sobre a alegada inevitabilidade da morte.

A dourar com humor sofisticado um livro de tema especialmente complicado como é a velhice estão observações precursoras e corajosas sobre assuntos ainda mais complicados do que a velhice, a morte, o tempo e o sentido da vida humana. Como exemplos desses assuntos que tocam a fronteira do que se pode pensar, Lopo Serrão menciona a natureza das mulheres e, sobretudo, o tormentoso problema do desejo feminino, nótulas que vão dando cor a um tratado que, na sua ausência, poderia afastar leitores temerosos do conhecimento da velhice. É esta estranha liberdade

⁵ Cf. I, 34; PINHO, 1987: 294.

⁶ PLATÃO, *A República*, livro I, 330d-331b.

⁷ I, 88-89; PINHO, 1987: 296.

⁸ III, 15-16, 47-48; PINHO, 1987: 330, 332.

⁹ I, 1-2; PINHO, 1987: 299.

intelectual, que se revela na escolha de temas importantes e perturbadores, que talvez tenha justificado que o bardo médico expresse a ideia que não estaria nos seus planos a publicação do livro. Há uma dimensão enciclopédica no *Da Velhice*, como se o doutor Lopo Serrão tivesse tentado reunir num só documento tudo o que a humanidade pensou de acertado sobre as idades do homem, um documento que teria sido importante para o seu próprio pensamento e governo de vida. É esta ambição, mais filosófica do que científica, que faz com que, sob a pressão dos amigos, e algo contrariado, acabe por permitir a publicação as suas «meditações acerca da Velhice», e lhes associar o seu nome¹⁰.

Entre ciência da velhice, ponderação sapiencial das idades do homem e observações bem-humoradas sobre o desejo feminino, o *Da Velhice* é um livro total que convida a uma reflexão pioneira sobre a matura idade. E é precisamente esta idade que deve ser compreendida como um todo, mais do que as doenças pontuais que a perturbam. O espírito dessa idade merece uma categorização exaustiva logo a abrir o poema. Em primeiro lugar, os sinais da revolta do indivíduo que é incapaz de aceitar a nova condição a que chegou. Diz Lopo Serrão que a velhice é rixosa e contenciosa, mas rapidamente enriquece o conceito, aditando-o com notas acerca do que são e do fazem os velhos. Assim, a velhice é corcunda, preguiçosa, trémula, esquecida, tagarela, beberrona, sonolenta, avara, impaciente, severa, volúvel, teimosa, flácida, imbele, tímida, banhada, embotada e desdentada. O registo emocional dos velhos não é esquecido perante os sinais da degradação corporal que, obviamente, o clínico se alonga a inventariar e a descrever com um detalhe perturbador. Lopo Serrão repara com perspicácia na tristeza, no abatimento, na melancolia e na inércia, que se associam muitas vezes à infidelidade e à desconfiança de si mesmo. A idade madura merece ser caracterizada como longa, dura, atribulada, cruel, falaz e onerosa. Se há um protótipo que reúna corpo e espírito, é o que afirma que a idade é lacrimosa. Em catorze livros, cada uma destas descrições é amplamente explicada.

2. A ATITUDE MENTAL A RESPEITO DA VELHICE

A meditação que Lopo Serrão desenvolve em torno da inevitabilidade da morte tende, pela sua força dramática, a eclipsar as intuições muito interessantes que ligam a qualidade de vida que se tem durante a velhice com a atitude mental com que se antecipa essa idade. Não é a velhice e a coorte dos seus males que deverão ser censuradas, mas a forma de vida que se levou nas idades anteriores. A mensagem é clara: «Os maus costumes é que devem ser culpados e não a longa velhice;/acusa tu os costumes e deixa o ancião, por favor»¹¹.

¹⁰ § XVII; PINHO, 1987: 286.

¹¹ III, 243-246; PINHO, 1987: 342.

A população idosa é categorizada, em conformidade com isto, segundo as atitudes que tem para com a vida. Há, por exemplo, a velhice insana e a velhice cordata: uma, grava «tudo no coração inquieto»; outra, zomba das «mudanças da Fortuna»¹². As duas formas de se ser velho estão apartadas por muito pouco. Lopo Serrão já tinha mostrado a importância de o velho falar do que lhe acontece. É na transfiguração da experiência sofrida em discurso que ele se liberta das amarras das desgraças que lhe acontecem. O falar sobre a vida é sinal de uma mente que não fica refém do que lhe acontece; o falar atenua o império da dor, porque, afirma, tem «certa importância, para quem sofre, desabafar os cuidados/latentes que mirram o corpo e oprimem a alma»¹³. A sociabilidade associada à linguagem é um fator que contribui para a qualidade de vida do ancião. Este prolonga a vida desse modo, enquanto outros entendem a «longa velhice como nociva»¹⁴.

A atitude e a capacidade de falar poderiam ser meros aspetos das personalidades individuais a respeito dos quais nada haveria a fazer. Ora, o que é inovador no pensamento do doutor Lopo Serrão é a proposta ostensiva de uma interessante série de sugestões para educar a atitude, contribuindo desse modo para uma nova perspectiva sobre a velhice. Sugerem-se meios para ir «em auxílio do espírito» para que ele, estimulado, não se limite à ociosidade danosa. O mandamento é reiterado muitas vezes: «Importa exercitar o espírito»¹⁵.

Tão importante quanto este objetivo surpreendentemente pioneiro, há a proposta de atividades específicas. Recomenda-se um trabalho moderado que agrade ao ancião; sugere-se uma alimentação leve, condenando-se todos os excessos a esse respeito¹⁶. Entrando num âmbito que, durante séculos, não chegou ao discurso, o doutor Lopo Serrão atreve-se a pronunciar-se sobre o sensível tema da sexualidade das pessoas de idade. Também aqui há reflexões que auxiliam a construir uma atitude positiva. É verdade que o fogo da juventude já não arde com intensidade, e o clínico não poderia passar isso por alto, com uma coragem poética que teria indubitavelmente causado embaraços, não fora ele um elemento influente da corte num momento particularmente complicado da vida portuguesa. Se é verdade, como proclama, que «Já não excita ao coito a fatigada velhice» e o outono já não «ergue as partes pudendas»¹⁷, respeitando-se a regra sapiencial da moderação em tudo, sempre vai dizendo que o prazer sexual «gera muito proveito»¹⁸. Talvez devido ao seu ofício, o doutor

¹² IV, 115, 118; PINHO, 1987: 354.

¹³ I, 10-14; PINHO, 1987: 292.

¹⁴ III, 243-246; PINHO, 1987: 342.

¹⁵ V, 67; cf. V, 65-66; PINHO, 1987: 368, 366.

¹⁶ E.g. V, 97-98; PINHO, 1987: 368.

¹⁷ VIII, 293-295; PINHO, 1987: 438.

¹⁸ VIII, 311-312; PINHO, 1987: 438.

Lopo Serrão tende a considerar apenas os aspetos fisiológicos da sexualidade e a sua expressão psíquica, passando à margem da dimensão espiritual.

Seja como for, esta coleção de pequenas técnicas comportamentais, que poderão contribuir para alterar a atitude do idoso para com a idade a que chegou, inclui sugestões que não se esperariam no século XVI. Se o exercício moderado ou a atenção à alimentação fazem sentido mais de quatro séculos depois, o que dizer sobre a proposta de técnicas de memória e de visualização? As primeiras atenuam o dano que a idade causa na memória de curto prazo. Preocupado com um problema que certamente acompanhou nos seus pacientes, o doutor Lopo Serrão avança com práticas de repetição mental à noite do que a pessoa conheceu e experienciou durante o dia. A frequência e a intensidade desta prática poderão garantir uma, como diz, «memória viva»¹⁹. Talvez se possa ver aqui a influência dos tratados renascentistas das artes da memória. No que concerne à visualização, propõe-se a utilização de imagens que contribuam para dar consolo à «alma amargurada»²⁰. Como é evidente, interessa mais a forma geral da sugestão do que o conteúdo preciso. Este estará inevitavelmente datado, sendo difícil aceitar que a imaginação da morte possa dar consolo; todavia, a *mera ideia* de criar deliberadamente imagens para atenuar o impacto da degradação do corpo e do espírito é, só por si, notável.

Muitos outros meios são mencionados para promover a convicção de que a forma como se vive a velhice poderá ser de facto melhorada. Se há uma pérola de sabedoria nas longas reflexões de Lopo Serrão é a de que a idade das rugas «não tem defeito»²¹. A velhice *não* é uma doença que tenha de ser combatida nem um problema que tenha de ser resolvido. O que passa por doença e o que parece uma vasta coleção de problemas são, diferentemente, equívocos que derivam da falta de ponderação durante os anos de juventude, mais do que características da própria velhice.

3. PROBLEMAS FILOSÓFICOS DA VELHICE

Compreendida a mensagem cheia de esperança de que a idade das rugas *não* tem defeito, será interessante pôr ao lado das técnicas que alegadamente melhoram a vida dos idosos uma reflexão de natureza mais abstrata sobre a velhice. O clínico dá por vezes lugar ao filósofo do tempo, da condição humana e da maturidade. A reflexão que é feita em torno desses assuntos contribui para atenuar a impressão de que nada há a fazer a respeito da velhice. Aqui reside, talvez, o contributo mais profundo do doutor Lopo Serrão, se bem que apenas indiciado e não desenvolvido em todas as suas consequências. O poeta eborense das horas vagas revela o talante

¹⁹ VII, 103-104; PINHO, 1987: 406.

²⁰ VII, 113-114; PINHO, 1987: 406.

²¹ III, 292; PINHO, 1987: 346.

das almas eruditas que, sim, conhecem a existência de problemas intelectuais momentosos, mas que, talvez porque ninguém pode pensar tudo, não avançam na sua exploração, contentando-se com a mera alusão aos mesmos. Bastem alguns exemplos curiosos desses problemas especialmente abstratos e filosóficos, pedras no sapato da cultura europeia:

- (i.) O conhecimento prévio da hora da morte de alguém foi desde sempre uma pedra no sapato da cultura ocidental. Ao afirmar, de modo previsível, que ninguém «conhece a hora incerta da morte»²², discerne-se na velhice um constrangimento que é comum a outras idades. Todos os seres humanos parecem estar em igualdade de circunstâncias a respeito dele. A velhice não tem mais ou menos conhecimento a esse respeito do que as outras idades. Todavia, se há verdade literal nestas palavras, não é menos verdade que há uma diferença qualitativa na percepção que as diferentes idades têm do futuro. A complicar tudo, não há certezas a respeito da impossibilidade de conhecimento antecipado da hora da morte, já que alguns vultos do passado afirmaram que isso é possível²³;
- (ii.) Seguindo a velha doutrina epicurista de que a morte não pode causar males às pessoas, porque, enquanto elas existem, a morte não existe, e quando a morte surge, as pessoas já não existem, não havendo sobreposição temporal entre pessoas e morte, Lopo Serrão assevera que «a morte não prejudica ninguém»²⁴. Sendo esta afirmação também literalmente verdadeira, não se explica por que razão a percepção da morte está associada à infelicidade e à finitude. Pior ainda, se não prejudica ninguém, poderia ser benéfica ou, no mínimo, neutra. Em qualquer dos casos, seria sempre melhor do que muitas vidas miseráveis, o que obrigaria à formulação do problema filosófico do suicídio voluntário de todas as pessoas nessas circunstâncias. Mesmo as pessoas com vidas agradáveis poderiam refletir sobre a possibilidade de alcançarem um estado melhor do que essas vidas;
- (iii.) Há uma proposta de apoucamento da alegada importância da duração da vida, incluindo da vida perpétua. Viver cem anos, seiscentos anos ou até viver para sempre seria, para Lopo Serrão, deplorável²⁵. Estes valores hiperbólicos contribuem para, por amplificação absurda, centrar a problemática da velhice na procura de uma sabedoria que garanta que o período final da existência seja digno. Como é evidente, as tarefas práticas que seriam

²² III, 81; PINHO, 1987: 334.

²³ E.g. PLATÃO, *Górgias*, 523d.

²⁴ III, 102; PINHO, 1987: 334.

²⁵ Cf. III, 105-106, 183-184; PINHO, 1987: 336, 340.

necessárias para alargar o tempo de vida poderiam contribuir para a reflexão, já nada dizendo da experiência efetiva de vidas com longevidades generosas. Não é claro, também, que a vida perpétua tenha continuidade com a vida mensurável em anos humanos; no mínimo, seria preciso equacionar o problema complementar da diferença entre uma vida longa, mas finita, e uma vida que se prolonga de modo ilimitado no tempo.

A irmanar este tipo de problemas está a sensação de inautenticidade. Todos eles presumem que uma pequena instância da vida humana, a racionalidade, faria a gestão inteligente das circunstâncias em que lhe aconteceria viver. Diz o povo que o diabo toca todos os instrumentos, mas nunca se explica por que razão, sendo aparentemente plenipotenciário, precisa de todo de instrumentos para fazer ouvir a sua música. Se precisa de qualquer coisa fora de si mesmo, não é de facto plenipotenciário. Se precisa de realizar objetivos para que a sua vida tenha sentido, está refém de uma ordem metafísica que nunca poderá violar, mesmo sendo o arquétipo do Mal. A fragilidade de todos estes problemas deriva dos mesmos constrangimentos: parecendo um espetáculo de argumentação racional sofisticada, estes casos intelectuais apenas revelam indivíduos totalmente dominados por uma estrutura metafísica insuscetível de mudança. Essas vidas generosas (relembre-se: com conhecimento antecipado da hora da morte, com a certeza de que a morte não causa dano ou com longevidades vastas ou até mesmo ilimitadas) não são diferentes de vidas miseráveis e curtas se se tomar como referência o que é metafisicamente relevante. De facto, não acrescentam nada de interessante ao debate intelectual, e talvez tenha sido por isso que Lopo Serrão se limitou a mencionar estes problemas filosóficos mais decorativos do que fundamentais.

4. AS ALEGADAS VANTAGENS DA VELHICE

Sendo, como se vê, uma reflexão equilibrada sobre a velhice, o poema *Da Velhice* acrescenta ao inventário dos muitos males associados a essa fase da vida um surpreendente canto em que se «louva a idade senil e repetem-se as vantagens da velhice»²⁶. Que vantagens via o doutor Lopo Serrão na velhice? Mais: como poderia ele olhar para o assunto presumindo que nele houvesse algo de bom? Há toda uma sabedoria antiga a que já não se é sensível. O médico de Dom Sebastião recorda que a velha Roma exigia uma «idade senil, para, com o seu conselho, se tornar um Estado forte»²⁷. Seguindo este modelo romano, o clínico caracteriza logo de seguida os velhos como as pessoas que têm uma «preclara perícia»; que pacificam as «multidões com

²⁶ V.

²⁷ IV, 9-10; PINHO, 1987: 348.

palavra serena»; que dominam a arte difícil de não se deixarem enganar, porque têm o «hábito da dissimulação permanente»; e que têm «gravidade no tratamento dos negócios». A lista dos elogios da velhice é muito longa. Enfatiza-se a «insigne virtude» e a «probidade»; sublinha-se que ela põe «em prática aquilo que ensina» e que os velhos são «cumpridores das suas missões». A culminar tudo isto, louva-se o facto de os velhos não colocarem os seus próprios interesses no centro da sua ação, mas, diferentemente, suportarem «muitos dispêndios em prol da Pátria».

Perante esta lista de louvores, cumpre afirmar que Lopo Serrão não está a tapar com elogios alguma lacuna. Para ele, a velhice não tem falta do que quer que seja. Como se viu, a idade das rugas não tem defeito. Ponderando com cuidado os vários casos de velhos ilustres do passado clássico, o médico eborense chega a afirmar que «Há [...] muitíssimos velhos a quem a molesta velhice não enfraqueceu, pelo contrário, aumentou a sua força»²⁸. Os exemplos do passado eram familiares, revelando um contacto espiritual com vultos literários como Nestor, dos *Poemas Homéricos*, mas também figuras históricas como o persa Ciro e o romano Catão.

Se há um ponto alto no surpreendente inventário dos alegados bens da velhice, reside ele na ideia de que é uma vida perfeita, porque já não está refém dos tiranetes do desejo que dominam a vida dos jovens. A supressão do desejo parece possibilitar a perceção de como as coisas são em si mesmas, sem que a realidade seja distorcida. Mais ainda, o que a juventude deseja é de facto alcançado pela velhice. A primeira deseja sobretudo perdurar, atravessar o tempo, vencer as adversidades; o mero facto de se chegar à velhice já é um testemunho de vitória na luta árdua para se alcançar esses objetivos. É isso, pois, que justifica que o bardo clínico afirme sem dúvidas que «O velho tem, sobre a bela juventude, a vantagem/de já possuir o que ela para si cobiça»²⁹.

Trata-se, como se vê, de uma intuição fina, em que a velhice mostra às outras épocas da vida a felicidade mais acabada que o ser humano pode alcançar, um estado em que não se deseja mais isto ou aquilo, não se deseja até mesmo «quaisquer alegrias», e se aceita tudo nos seus próprios termos. Perante esta forma de viver que se atreve a olhar para o mundo sem a lente deturpadora do interesse e do desejo, parece que já se está num estado de perfeição para o qual não se tem ainda os rótulos adequados. Na sua ausência, o médico de Dom Sebastião conclui que «a graça suprema de Deus [...] perdoa à velhice»³⁰. Já no século XVIII, o padre Rafael Bluteau irá lembrar que «a velhice, ainda que comumente aborrecida, chegou a ser adorada, porque, na Ilha de Cales teve templo próprio»³¹. Percebe-se qual é a ideia

²⁸ IV, 147-148; PINHO, 1987: 356.

²⁹ III, 153-154; PINHO, 1987: 338.

³⁰ V, 243-244; PINHO, 1987: 376.

³¹ BLUTEAU, 1721: VIII, 386.

para que apontam estes mestres da sabedoria portuguesa, na linha do que Platão já havia intuído: a velhice é o período da vida humana que mais se aproxima da vida mais perfeita que é possível imaginar, e esta é a vida divina, a vida que alcança a visão sinóptica, a vida que irmana seres humanos e deuses.

Duas linhas de pensamento estão em rota de colisão a este respeito. Por um lado, o clínico suspeitava de que há um mal associado à velhice, como se esta contribuísse para a perda da individualidade das pessoas, verificação dramática que o leva a afirmar que «Os velhos têm todos o mesmo rosto»³². Por outro lado, a imunidade da velhice em relação aos tiranetes das paixões inconsequentes dá-lhe uma aura quase divina. O desejo e a individualidade atenuam-se na mesma época da vida. Este bailado entre observação clínica certa e procura de uma sabedoria da velhice atravessa todo o livro.

Estas linhas de reflexão não terão o mesmo sucesso. Uma época valorizará mais os dados da observação clínica do que a sabedoria da libertação do desejo e da personalidade. O século XXI, propenso a compreender de modo clínico todos os períodos da vida humana, interpretará como ininteligíveis as referências a uma alegada sabedoria da velhice, sendo pouco estimados ou até mesmo invisíveis os vultos da tradição sapiencial a que Lopo Serrão pertence (recordem-se os príncipes da Ínclita Geração que liam Cícero e Séneca, mas também um frei Heitor Pinto, um frei Amador Arrais e um padre Manuel Bernardes, para nada dizer da vasta biblioteca teológica dedicada ao desengano das ilusões da vida e da igualmente vasta biblioteca de tradição erasmiana e sapiencial de denúncia da vida como loucura)³³. Não se afasta a ideia de que haja uma virtude qualquer na velhice com base na convicção de que o médico com gosto pela literatura fez vista grossa aos inúmeros problemas de saúde associados à idade avançada. Nada poderia ser mais falso. Este clínico, que todos os dias encontrava o lado menos bonito da humanidade idosa, não se esquece de nada, e regista, aliás com grande detalhe, os efeitos do tempo no corpo e no espírito, algo que se poderia descrever como a peste da idade que espera as pessoas jovens. São muitas as observações frias acerca dos momentos infelizes dos idosos com que Lopo Serrão enriquece a sua enciclopédia da velhice³⁴. A questão é diferente. O que, sim, é interessante é sublinhar o modo como o conhecimento dos efeitos destruidores do tempo na vida humana não foi suficiente para impedir a visão dos benefícios que a idade pode trazer às pessoas, se for perspetivada com sabedoria. É esta visão dos benefícios que se tornou ininteligível para o século XXI, refém que está de uma cultura pública obcecada com a juventude. Os reféns, por definição, têm dificuldade em ver bem as coisas.

³² II, 99; PINHO, 1987: 316.

³³ Cf. CURADO, 2015.

³⁴ E.g. II, 189-190; PINHO, 1987: 322.

Impõe-se, pois, a pergunta: se o doutor Lopo Serrão não se esqueceu dos efeitos terríveis das maleitas que acompanham muitas vezes a idade, produzindo uma lista longa de estados físicos e anímicos que é um ensaio de uma futura enciclopédia de gerontologia, por que razão afirma ele, com ênfase, que está ao alcance de todos os seres humanos *uma velhice em que não se sente a falta da juventude*, uma idade de rugas sem danos em que se usufrui de novos benefícios e vantagens? Lopo Serrão aparta claramente as pessoas que vão deixando de fazer as suas coisas e que não têm a sabedoria suficiente para se desligarem de outras fases da vida em relação às pessoas que nunca deixam de tratar das suas coisas, mantendo-se ocupadas. As palavras dele são duras. É necessário evitar a forma de vida dos «velhos preguiçosos»³⁵.

Um grande médico nunca se contenta com a mera indicação do problema ou com a descrição de um estado de saúde; há uma palavra terapêutica que acompanha a descrição, por vezes necessariamente terrível, da falta de saúde de uma pessoa ou de uma comunidade. Lopo Serrão não se esquece dela. Falou-se acima da alteração da atitude; poder-se-ia acrescentar agora a atividade física. A pessoa de idade tem de manter algum tipo de atividade; a ociosidade causa danos incontáveis por si mesma e acentua processos que prejudicam fortemente a saúde. Diz ele de forma lapidar: «foge do ócio e terá a força do roble»³⁶.

A sabedoria popular portuguesa que se expressa em adágios, anexins e provérbios nunca deixou de pensar a velhice. A ênfase é colocada na maldade injusta que parece acontecer à pessoa contra a sua vontade (e.g. «Velhice é mal desejada»), mas também se encontram pérolas que, como em Lopo Serrão, associam os males da idade ao excesso de ócio (e.g. «Mocidade ociosa não faz velhice contente»)³⁷. O pensamento de Lopo Serrão não é tanto o de aproximar outras fases da vida à velhice, como este adágio propõe, mas o de incentivar, como se viu, que a atividade continue ao longo dos anos, de modo a potenciar a qualidade de vida. Se a pessoa trabalhadora deixar de ter atividade, a sua velhice será especialmente difícil. Não se trata, pois, de uma observação com intuito moral, mas de uma recomendação de um modo de vida saudável.

O *Da Velhice* propõe, como se vê, uma reflexão completa sobre a velhice: a parte do inventário dos danos não é escamoteada; os ideais que transfiguram a realidade não são esquecidos; não se olvidam as indicações terapêuticas de que a atividade e o exercício são imprescindíveis para uma velhice que, não sendo uma bem-aventurança antecipada, será, todavia, mais aprazível do que uma em que essas indicações não sejam cumpridas; e, a culminar tudo isto, a convicção forte de que a velhice não rouba nada às pessoas, mas que, pelo contrário, dá-lhes algo que, na sua ausência,

³⁵ IV, 218; PINHO, 1987: 360.

³⁶ IV, 262; PINHO, 1987: 362.

³⁷ E.g. BLUTEAU, 1721: 386.

seria impossível de alcançar. E o que é isso? Lopo Serrão faz parte de uma tradição europeia com estima pelos modelos clássicos. Platão, no mito do *Político*³⁸, falava de uma convivência dos seres humanos com os deuses na idade de Cronos; Horácio, o grande poeta latino, falava do ideal do *nihil admirari*, uma visão clara das coisas em que já não se deseja nada, uma vida em que a pessoa já não se surpreende com o que quer que seja³⁹. Com Horácio, estão Cícero, nas *Tusculanas*⁴⁰, Séneca, com as suas *Cartas a Lucílio*⁴¹, e muitos outros. Já no século XIX, Arthur Schopenhauer, um pensador que tentou trazer a sabedoria oriental do Budismo para a Europa, dedicou um dos seus ensaios dos *Parerga e Paralipomena* à velhice, relembrando novamente que esta idade é um dos pontos altos da vida humana. Porquê? Nas suas palavras, porque a pessoa idosa «já não se embala com a ilusão de que existe em alguma parte, palácio ou choupana, uma felicidade especial, maior do que aquela que [...] goza em toda a parte, e que consiste essencialmente na isenção de toda a dor física e moral»⁴². Os autores clássicos falavam de *nihil admirari*, Schopenhauer fala do fim da ilusão, a tradição sapiencial portuguesa falava do desengano. Lopo Serrão vai beber precisamente a esta tradição sapiencial, que, nos séculos em que era relevante para as pessoas, encheu bibliotecas em Portugal. Quantas pérolas de sabedoria há sobre o desengano das ilusões da vida no *Da Velhice*? Brada contra os ludíbrios e vicissitudes da Fortuna, acabando por generalizar que «tudo o que existe na terra, tudo vês repleto/de engano»⁴³.

5. O SIGNIFICADO DE UMA OBRA

Não é fácil pensar uma obra como a de Lopo Serrão. A importância crescente do envelhecimento no século XXI auguraria uma projeção desta obra que ultrapassasse o pequeno círculo de eruditos que a conhecem. Infelizmente, se o assunto potencia o interesse, a forma poderá enfraquecê-lo. O poema *Da Velhice*, de espírito lucreciano e de escopo enciclopédico, faz uma recolha ampla de autores, tradições populares e recomendações derivadas da prática clínica de Serrão. Esta recolha não terá sido feita com o intuito de ser publicada, como o autor afirma nas considerações preliminares, mas apenas para entreter os momentos de ócio e para governo pessoal, como se a ideia que a norteou fosse a de constituir uma súpula de tudo o que de válido se disse sobre a velhice. Não é no vasto trabalho antológico que está o seu sentido, nem na questão erudita de identificação das muitas fontes a que foi beber⁴⁴. É, talvez,

³⁸ PLATÃO, *Político*, 270d-271c.

³⁹ HORÁCIO, *Epístolas*, I, 6, 1.

⁴⁰ CÍCERO, *Tusculanas*, 3.30.

⁴¹ SÉNECA, *Cartas a Lucílio*, 8.5.

⁴² SCHOPENHAUER, 1966: 191.

⁴³ V, 253-254; cf. V, 310 e VII, 136; PINHO, 1987: 378, cf. PINHO, 1987: 380 e 406.

⁴⁴ PINHO, 1987: 129 ss.

a obra mais completa que se escreveu sobre a velhice em Portugal, exemplo de uma ambição literária híbrida que une ciência e belas-letas, ambição rara que só terá eventual rival nas *Viríadas*, uma obra de escopo idêntico mas de objeto diferente, já que dedicada à cultura clássica e ao passado ibérico, de um outro médico, o doutor Isaac de Sequeira Samuda, *fellow* da Royal Society of London, também ela um poema lucreciano que foi aditado, mais do que completado, pelo colega e amigo Jacob de Castro Sarmiento⁴⁵. Os aspetos comuns a estas obras, para nada dizer da língua latina do *Da Velhice* e do português erudito das *Viríadas*, exigem leitores com gosto pelo legado clássico, gosto de que têm sido privadas muitas gerações de estudantes devido a políticas educativas duvidosas. A existir esse gosto, sempre se poderá formular a questão difícil do significado perene dos cantos do clínico eborense. Os problemas do sentido de algo são mais tormentosos do que os do conteúdo e da forma; não há, contudo, hermenêutica completa sem que eles sejam equacionados.

Quase meio milénio depois de ter sido escrito, há uma pergunta no *Da Velhice* que contribui para captar o seu sentido. É esta: «Quem será o insensato que, com toda a alma, aspira pela vida passada e não queira ser velho?»⁴⁶. Como se feita do mármore de Antonio Corradini, esta pergunta deixa ver o que está coberto pelo véu do conteúdo e da forma. Quem é o insensato, poder-se-ia repetir? Se se olhar à volta, saber-se-á responder imediatamente: os insensatos são os leitores do século XXI. Hipnotizados como estão por uma cultura mediática para meninos e adolescentes, fizeram-lhes uma lavagem educacional completa de tal modo que têm dificuldade em reconhecer autores e ideias que não alimentem o paradigma que promove o ideário empobrecedor das pessoas bonitas, saudáveis, mas não muito cultas. Mais, todo o seu desejo orbita a juventude e é para eles impensável ver qualquer bondade na velhice. Em resultado de tudo isso, só podem não querer ser velhos. São *eles* o insensato a que se refere o contemporâneo de Camões.

Não se trata, obviamente, de uma questão do século XXI; este apenas amplifica o que está em causa na privação da sabedoria associada à idade. O que se diria de uma criança que não desejasse chegar à adolescência? Dir-se-ia que, se isso acontecesse, não realizaria toda a sua natureza humana, tudo aquilo que é capaz de ser. O estranho elogio da idade avançada que atravessa o *Da Velhice* tem que ver com esta imperfeição ontológica: ficar-se aquém do que se poderá ser. É irrelevante, aliás, que seja a criança que não queira ser adolescente ou o diplomata Eduardo do dramaturgo do Cartaxo, emocionado por ter cinquenta anos e por pensar que essa idade o priva de algo importante. Se fossem seiscentos, como se viu acima, ou até a vida perpétua, se isso impedisse a realização total do que se é, é óbvio que seria um mal. É, pois,

⁴⁵ CURADO, *ed. crítica*, 2014.

⁴⁶ IV, 231-232; PINHO, 1987: 360.

a pergunta sobre o insensato que permite que se veja algo sem os constrangimentos da cultura de um século concreto e sem os enviesamentos associados a um determinado período da vida. Voltar o desejo para uma época anterior da vida e combater a velhice e a morte têm como consequência ser-se menos do que se poderia ser.

É este, pois, o sentido da velhice: ser-se tudo o que se pode ser.

BIBLIOGRAFIA

- BLUTEAU, Raphael (1721). *Vocabulário português e latino...* Lisboa Ocidental: na Oficina de Pascoal da Silva, vol. VIII.
- CURADO, Manuel, ed. crítica (2014). *As Viriadas do Doutor Samuda*. Edição crítica da epopeia setecentista inédita dos médicos Isaac Samuda e Jacob de Castro; prefácio de † Maria Helena da Rocha Pereira; nota de apresentação de Annabela Rita. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- CURADO, Manuel (2015). *A vida como loucura na tradição erasmiana e sapiencial portuguesa*. In ÁLVARES, Cristina; SOUSA, Sérgio Guimarães de; CURADO, Ana Lúcia, coords. *Figuras do idiota: Literatura, cinema, banda desenhada*. Farnalhão: Húmus, pp. 27-40.
- MESQUITA, Marcelino (1912). *Envelhecer. Peça em quatro actos*. 3.ª ed. Lisboa: J. Rodrigues & C.ª, Editores.
- NULAND, Sherwin (2005). *Do you want to live forever?* «MIT Technology Review». 108:2, 36-45.
- PINHO, Sebastião Tavares de (1983). *O Poema Da Velhice de Lopo Serrão*. Coimbra: Edição do Serviço de Documentação e Publicações da Universidade de Coimbra. Tese de doutoramento.
- PINHO, Sebastião Tavares de (1987). *Lopo Serrão e o seu poema Da Velhice. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, tradução e notas*. 1.ª ed. revista e impressa. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- SCHOPENHAUER, Arthur (1966). *Regras de conduta para bem viver (Eudemonologia)*. Trad. de Eloy Pontes. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi.
- VERNEY, Luís António (1952). *Verdadeiro método de estudar*. Ed. e org. de António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa. Vol. IV: *Estudos médicos, jurídicos e teológicos*.